

Dialogismos na desinformação: uma abordagem discursiva do debate on-line sobre fraude nas urnas no Brasil

Dalby Dienstbach

Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, Niterói, RJ, Brasil
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2198-0779>

Maria Sirleidy Cordeiro

Fundação Getúlio Vargas, Escola de Comunicação, Mídia e Informação, Rio de Janeiro, RJ, Brasil
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4479-5162>

Letícia Sabbatini

Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Niterói, RJ, Brasil
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6969-1960>

Resumo

Em um contexto de desconfiança eleitoral, impulsionado, dentre outros fatores, por debates em plataformas digitais e aplicativos mensageiros, este estudo tem como objetivo mapear os enquadramentos conceptuais acionados em movimentos dialógicos ao longo do debate sobre fraude nas urnas no Brasil. Para isso, uma sintaxe de busca relativa ao tema foi executada na aplicação CrowdTangle (Meta, Inc.), no esforço de identificar o *link* sobre fraude nas urnas com maior engajamento no Facebook durante o pleito de 2022. Foram analisados os comentários ao *link*, bem como as respectivas respostas, que tiveram o maior número de interações, o que gerou um *corpus* de 363 comentários e respostas. A partir da análise, conclui-se que na interação dos usuários da plataforma a segurança da urna eletrônica é colocada em uma disputa partidária de “direita *versus* esquerda” e, ainda, são construídos sentidos que classificam as universidades públicas negativamente, como espaço de “balbúrdia” contrário às regras socialmente instituídas. Nota-se, com isso, que o processo de enquadramento conceptual da urna eletrônica evoca vozes diversas, nem sempre relacionadas à urna em si, refletindo traços de moralidade e recusa às instituições.

Palavras-chave

dialogismo; desinformação; eleições no Brasil; fraude nas urnas

1 Introdução

Embora tenham se intensificado recentemente, alegações que sugerem a possibilidade de fraude nas urnas eletrônicas de votação não são novidade. Ganhando corpo a partir, sobretudo, de 2018, tais hipóteses já podiam ser encontradas em links que remontam, pelo menos, ao ano de 2014 (Ruediger *et al.*, 2020). Nas eleições brasileiras de 2018, essas alegações foram agitadas, por exemplo, por perfis que, revestidos de alguma autoridade, impulsionaram inclusive a disseminação de *fake news* (Recuero, 2020). Nos últimos anos, porém, a tese de fraude nas urnas se complexificou, virando alvo de campanhas da Justiça Eleitoral e gerando um cenário crítico, em que a desinformação atuou como um repertório político (Mendonça *et al.*, 2022).

Em um contexto de “guerrilha informativa” (Gomes; Dourado, 2019), as *fake news* abalaram a confiança de parte da população nas urnas eletrônicas, quer seja citando “hackers russos” em conluio com o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), divulgando supostas listas de seções eleitorais sem registros de voto em algum candidato ou, ainda, reivindicando a chamada “PEC do Voto Impresso” (Brasil, 2019). Tal cenário de desconfiança, estimulado por debates em plataformas e aplicativos mensageiros, também se baseou em declarações do ex-presidente Jair Bolsonaro (Aggio, 2021) a respeito do sistema e dos equipamentos. Compreendendo a relevância desse cenário, este estudo se debruça sobre as eleições de 2022 para mapear os enquadramentos conceptuais (por exemplo, Langacker, 2013) acionados no debate sobre fraude nas urnas no país.

Esta iniciativa se concentra, pontualmente, em explorar comentários que circulam no Facebook (Meta, In.) que discorrem, de alguma forma, sobre a tese de fraude nas urnas no Brasil. Essa escolha por analisar os comentários, bem como as suas réplicas e tréplicas, se sustenta no entendimento de que discussões políticas *on-line* permitem compreender a formação da cena política, uma vez que consistem em trocas argumentativas “sobre temas de relevância pública, envolvendo situações em que a discordância de ideias é aceita e fomentada” (Carreiro; Gomes, 2017, p. 4). Neste estudo, as discussões foram captadas em comentários a uma postagem jornalística que, por si só, teria potencial de interesse público (Barros; Carreiro, 2015). Publicada pelo canal TecMundo, a matéria informa, enquanto manchete, que “Urna eletrônica e códigos-fonte são validados por universidades” (Albuquerque, 2022a).

Ancorada no aparato teórico do círculo bakhtiniano, a investigação se debruça sobre o caráter dialógico inerente à linguagem, em que os sentidos seriam instaurados, em princípio, na relação entre os enunciados que integram o evento de interação (Bakhtin, 2011). Enquanto

expedientes para se observarem os discursos que circulam na sociedade, os comentários do Facebook permitem o mapeamento dos sentidos que se constroem na interação *on-line*. Sob a égide da análise dialógica do discurso (Volochinov, 2017), a análise focou na identificação e na descrição, por meio de veículos linguísticos, dos sentidos subjacentes aos enunciados de comentários e respostas. A proposta foi dissecar os textos em um contexto de troca, focando nos enquadramentos conceptuais evocados.

2 Aporte teórico

Há, em curso, um processo de transformação no arquétipo epistemológico que conhecemos. É justamente o que defende Van Zoonen (2012), ao apontar a sobrevalorização de experiências pessoais como um aspecto que vem promovendo mudanças mais amplas, relacionadas ao que Chagas (2016) traduziu como “eu-pistemologia”. Trata-se de apreciar a experiência e a individualidade, caracterizando relatos pessoais como confiáveis e seguros. Com isso, a própria cultura política sofre transformações, na medida em que a valorização de uma experiência pessoal se relaciona, nesses casos, à perda de credibilidade por parte de instituições, sejam estas relacionadas à imprensa, à ciência ou à política. Em suma, torna-se mais fácil acreditar e confiar no relato pessoal de um amigo, por exemplo, do que no esclarecimento concedido por um especialista acerca de determinado assunto.

Encontrar exemplos dessa transformação não é uma tarefa difícil, se observarmos o cenário de diferentes democracias ao redor do mundo; tampouco, se mapearmos o atual contexto brasileiro, marcado pela desconfiança em relação ao que é institucional e pela defesa de uma antipolítica, que Avritzer (2020, p. 19) explica como sendo uma “reação à ideia de que instituições e representantes eleitos devem discutir, negociar e processar respostas a temas em debate no país”. Sendo assim, movimentos típicos da política, tais como a negociação, são enquadrados enquanto ações erradas e corruptas, e líderes que se vendem como “*outsiders*”, como o ex-presidente Jair Bolsonaro, conseguem prosperar frente à opinião pública.

Nesse cenário, a desinformação consegue operar em ciclo, sendo altamente danosa à esfera pública e, conseqüentemente, à democracia (Machado *et al.*, 2020) – ao passo que se alimenta dessa conjuntura, ela também a reforça, quer seja por meio de teorias conspiratórias (Aggio, 2021), quer seja a partir da produção e da circulação de *fake news* (Dourado, 2020). Ainda que de maneiras diferentes, ambos os processos tratam de eventos de relevância para a cena pública nacional, na medida em que adotam perspectivas distorcidas as quais, a partir de

plataformas digitais e de aplicativos mensageiros, conseguem circular com forte capilaridade, alcançando milhões de pessoas em muito pouco tempo (Aggio, 2021).

Constitui-se, dessa maneira, o que Gomes e Dourado (2019) chamaram de “guerrilha informativa” ou “guerrilha de desinformação”, associada a uma conjuntura de disputas narrativas que consegue manter, no foco da atenção coletiva, uma dada teoria falaciosa, despertando e inflamando sentimentos particulares na opinião pública. Basta lembrarmos de toda a euforia mobilizada em torno do chamado “*kit gay*” (Maranhão Filho; Coelho; Dias, 2018), do negacionismo em relação à vacina de covid-19 (Brotas; Costa; Massarani, 2021), das complexas relações entre humor, agressão e desinformação (Serelle; Soares, 2021) ou de todas as *fake news* acerca do sistema eletrônico de votação eleitoral (Recuero, 2020).

No contexto dessa euforia, são constituídas diversas e diferentes discussões políticas, aqui compreendidas a partir das contribuições de Carreiro e colegas (Carreiro; Gomes, 2017; Carreiro *et al.*, 2020), como trocas argumentativas sobre temas de interesse público. As discussões políticas se relacionam, pois, a uma série de emoções, expressões de desacordo, processos interpretativos, recursos de socialização e, em ambientes *on-line*, incorporam fatores relacionados às plataformas digitais e aos aplicativos de mensagens, tais como a anonimidade e a possibilidade de viralização (Carreiro *et al.*, 2020).

Levando isso em consideração e retomando o objetivo de mapear os enquadramentos conceituais acionados no debate sobre fraude nas urnas, parece-nos bastante pertinente a este estudo a noção de dialogismo que, desenvolvida pelo Círculo de Bakhtin (Faraco, 2009), entende a palavra como uma arena ideológica, na qual os valores sociais, os posicionamentos e os distintos pontos de vista se entrecruzam e constituem o enunciado. O dialogismo, na verdade, diz respeito às várias vozes inscritas em enunciados concretos, evocando contextos socialmente situados e traçando relações dialógicas com a história e com diferentes visões de mundo. Isso significa dizer, neste caso, que “o diálogo é intrinsecamente social”, não podendo ser reduzido “[...] ao encontro fortuito de dois seres empíricos isolados e auto suficientes, soltos no espaço e no tempo, que trocam enunciados a esmo” (Faraco, 2009, p. 64).

Com base nisso, entende-se que as estruturas linguísticas ancoram sentidos na cadeia da comunicação discursiva e posicionam a linguagem em uma perspectiva dialógica e contrária a qualquer tendência monológica. Sendo assim, para mapear esses sentidos, mobilizados em discussões *on-line* a respeito de disputa política sobre a fraude nas urnas, acionamos as noções de dialogismo e enquadramentos conceituais (Bakhtin, 2011) junto ao passo a passo sugerido por Carreiro e colaboradores (2020, p. 69). Esse passo a passo orienta, sumariamente, “(1) a

fase de monitoramento, (2) a identificação da controvérsia pública, (3) a coleta de dados e (4) a entrega de insumos analíticos”. Na seção a seguir, esses caminhos metodológicos são apresentados com maior minúcia.

3 Procedimentos metodológicos

Em primeiro lugar, elaborou-se uma sintaxe de busca (Figura 1) relativa ao debate, no Facebook (Meta, Inc.), sobre fraude nas urnas eletrônicas no contexto das eleições brasileiras de 2022. A título de esclarecimento, sintaxe de busca (ou *query*) consiste em um conjunto de valores linguísticos – em termos de palavras, expressões, indexadores etc. –, combinados por meio de operadores lógicos (ou booleanos) (Winter, 2002), que se presta à recuperação, em uma base de dados qualquer, de informações pertinentes a um escopo semântico-pragmático particular (Baeza-Yates; Ribeiro-Neto, 2013). Essa sintaxe de busca foi, então, executada na aplicação livre e gratuita de monitoramento de mídias sociais CrowdTangle (Meta, 2023) com o propósito de identificar postagens feitas em língua portuguesa naquela plataforma (ou seja, a base de dados considerada aqui) durante o período eleitoral – exatamente, entre os dias 16 de agosto e 30 de outubro de 2022 –, para comporem o *corpus* de análise deste estudo.

Figura 1 - Sintaxe de busca relativa ao debate sobre fraude nas urnas no Facebook

```
auditável OR auditáveis OR inauditável OR inauditáveis OR #auditável OR smartmatic OR
@smartmatic OR @smartmatictechnology OR #smartmatic OR #votoimpresso OR #votoauditavel OR #cheirodefraude
OR #apuracao secreta OR #votomanual OR #urna fraudada OR #urnas fraudadas OR #validacaodovoto
OR #tsevergonhanacional OR #contagempublica OR ({voto OR votos OR votação OR votações OR
votar}) AND (impresso OR impressos OR imprimir OR impressora OR impressoras OR
comprovante)) OR ((contagem OR contagens OR apuração OR apurações OR recontagem OR
recontagens) AND (pública OR públicas OR secreta OR secretas)) OR ((cédula OR cédulas) AND
papel) OR ((golpe OR #golpe OR segurança OR segura OR seguras) AND (urna OR urnas)) OR
((eleição OR eleições OR eleito OR eleitos OR eleitor OR eleitores OR eleitoral OR
eleitorais OR #eleição OR #eleições OR eleger OR eleja OR elejam OR reeleição OR
reeleições OR reeleito OR reeleitos OR reeleger OR reeleja OR reelejam OR candidato OR
candidatos OR urna OR urnas OR turno OR turnos OR voto OR votos OR votar OR votado OR
votados OR votação OR votações OR vote OR votem OR apuração OR apurações OR TSE OR #TSE OR
@tsejus OR TRE OR #TRE OR barroso OR facchin OR faccin OR fachin OR "alexandre de moraes"
OR "alexandre de morais" OR xandão OR #xandao) AND (#fraude OR fraude OR fraudes OR
fraudar OR fraudado OR fraudados OR fraudada OR fraudadas OR manipulação OR manipulado OR
manipulados OR manipulada OR manipuladas OR violável OR violáveis OR inviolável OR
invioláveis OR transparência OR cédula OR cédulas OR "em papel" OR "de papel" OR hacker OR
hackers OR hackear OR hackeando OR hackeou OR hackearam OR ciber OR cyber OR cibernético
OR cibernéticos OR cibernética OR cibernéticas OR cybernético OR cybernéticos OR
cybernética OR cybernéticas OR ciberataque OR ciberataques OR cyberataque OR cyberataques
OR software OR computador OR computadores)) NOT (BTS OR army OR jogador OR jogadores OR
game OR games OR jogo OR jogos OR mpla OR unita OR kwenda OR luanda OR angola)
```

Fonte: Elaborado pelos autores.

A execução da sintaxe de busca na referida aplicação identificou 16.342 postagens, as quais, até o momento da coleta de dados, foram alvo de 808.319 interações na plataforma – entre reações, comentários e compartilhamentos. Dessas postagens, foi selecionada aquela que, contendo um *link* externo, alcançou o maior número de interações no período (Figura 2). Dessa seleção, construiu-se um *corpus* com os cinco comentários com maior engajamento na postagem, acompanhados das respectivas réplicas e tréplicas, o que resultou em um conjunto de 364 textos, além do enunciado que compõe a postagem original¹.

Figura 2 - Postagem no Facebook, sobre fraude nas urnas, com maior engajamento



Fonte: Albuquerque (2022b).

¹ Reconhece-se, de fato, que a análise empreendida aqui não se debruça, rigorosamente, sobre um objeto de desinformação – uma vez que o enunciado principal (isto é, a manchete) que compõem o seu corpus não se confundiria com uma *fake news*. No entanto, assume-se tanto as suspeitas que motivam esse tipo de notícia quanto as disputas discursivas em torno delas como sendo, ao mesmo tempo, processo e produto de desinformação.

Seguinte a essa etapa, procedeu-se à análise dos textos que compõem desde o título da postagem até seus comentários, réplicas e trélicas, com base em uma abordagem dialógica do discurso. Um primeiro conceito que importa, nesse caso, é o de conceptualização, o qual é tomado, no âmbito do campo dos estudos da linguagem e do discurso, como um mecanismo medular do processo de construção de significado². Conceptualização se traduz, em linhas gerais, na forma de fixação, organização e expressão de conhecimentos e experiências – da qual, aliás, a linguagem faz parte. Nas suas explicações sobre esse componente, Langacker (2013) afirma que:

[...] conceptualização compreende concepções novas e antigas; não somente conhecimentos intelectuais, como também experiências sensorio-motoras e afetivas; a apreensão dos mundos físico, linguístico, social e cultural; além de concepções que se desenvolvem e evoluem ao longo do intervalo de processamento (e que não se manifestam simultaneamente). (Langacker, 2013, p. 30, tradução nossa)³.

Tendo em vista que a conceptualização deveria compreender quaisquer eventos de experiência mental, é fundamental se considerar, pois, o papel que a linguagem desempenha nos processos de conceptualização. Com relação a esse ponto, Evans e Green (2006) esclarecem, por exemplo, que:

[...] conceptualização é um processo dinâmico, pelo qual unidades linguísticas operam como uma espécie de estímulo para um conjunto de operações conceptuais [ou mentais] e para o recrutamento de conhecimentos prévios. A partir dessa perspectiva, entende-se que o significado consiste antes em um processo do que em uma coisa particular que pode ser empacotada pela linguagem. (Evans; Green, 2006, p. 162, tradução nossa)⁴.

Nesse sentido, algo que pode ser postulado é que palavras e sentenças não carregam significados no seu interior, senão que apenas viabilizam (ou, ainda, desencadeiam) processos de construção de significado (Evans, 2007). Em última análise, podemos explicar o processo de conceptualização como compreendendo desde a percepção do mundo à nossa volta até a

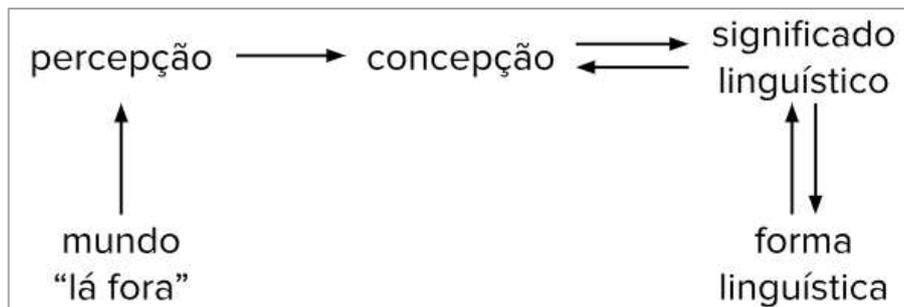
² A partir de uma perspectiva cognitiva da linguagem, na qual o significado é entendido como tanto o produto quanto o processo da significação, não haveria quaisquer distinções rigorosas entre os conceitos de significado e de sentido.

³ [It (conceptualisation) is understood as subsuming both novel and established conceptions; not just “intellectual” notions, but sensory, motor, and emotive experience as well; apprehension of the physical, linguistic, social, and cultural context; and conceptions that develop and unfold through processing time (rather than being simultaneously manifested).]

⁴ [Conceptualisation (is) a dynamic process whereby linguistic units serve as prompts for an array of conceptual operations and the recruitment of background knowledge. It follows from this view that meaning is a process rather than a discrete ‘thing’ that can be packaged by language.]

elaboração de representações mentais dessa percepção (isto é, a sua concepção) e a sua organização na e pela linguagem (Figura 3).

Figura 3 - Níveis de representação no processo de conceptualização



Fonte: Adaptado de Evans e Green (2006).

Desse processo de construção de significado – ou seja, de conceptualização – resultam diferentes tipos de produtos, tais como modelos cognitivos (ou mentais), mapeamentos metafóricos e metonímicos, *frames* semânticos etc. (os quais serão detalhados ao longo da análise). De todo modo, reconhece-se que o enquadramento conceptual do objeto sobre o qual este estudo se debruça – isto é, a tese de fraude nas urnas eletrônicas de votação brasileiras – é, pois, examinado à luz, justamente, dos produtos de conceptualização evocados nos enunciados que completam o *corpus* deste estudo.

Os enunciados selecionados foram, por fim, dissecados a partir da identificação dos veículos linguísticos que operassem como marcadores das relações dialógicas (Bakhtin, 2011) – em outras palavras, das relações de sentidos – estabelecidas ao longo e entre os comentários, réplicas e tréplicas⁵ que compõem o *corpus* deste estudo. Em seguida, a análise se lançou à exploração dos mecanismos de conceptualização do seu tema central, isto é, da tese de fraude nas urnas.

4 Análise dos resultados

Inicialmente, é preciso comentar que, nos textos que compõem o *corpus* deste estudo, o tema da fraude das urnas é abordado de maneira refratária, através de tópicos adjacentes a quaisquer crimes que pudessem ter assolado o dispositivo – isso porque, até o momento de

⁵ Embora reconheça a importância das reações (curtidas, risadas, lágrimas etc.) e compartilhamentos para a construção dos significados mobilizados, sobretudo, em plataformas de redes sociais, este trabalho não aprofunda a sua investigação nesse sentido, em virtude das restrições de tempo e de espaço que se impõem à respectiva análise.

publicação da postagem (31 de agosto), os turnos de votação (02 e 30 de outubro) ainda não haviam ocorrido.

Nesse caso, as postagens analisadas aqui tratam, em vez de uma eventual fraude, apenas da (falta de) segurança da urna eletrônica ou da possibilidade (ou da improbabilidade) de sabotagem do equipamento.

Seja como como for, um primeiro ponto que deve ser observado aqui, a título de análise dos dados, diz respeito às projeções metonímicas⁶ que os usuários da plataforma recrutam para questionar a segurança e a integridade da urna eletrônica e, em última análise, aventar a possibilidade de o equipamento ser fraudado. Ao longo das discussões mapeadas, são frequentes os momentos em que a segurança da urna eletrônica é metonimicamente conceptualizada e, dessa forma, avaliada.

Desse modo, a (segurança da) urna eletrônica é colocada em perspectiva por meio de considerações acerca não do equipamento em si, mas da atuação e reputação das universidades públicas responsáveis, em diferentes casos, por atestar a confiabilidade desses equipamentos. A significação e a qualificação da urna se materializam, portanto, em virtude de traços geralmente atribuídos àquelas instituições de ensino superior. Os comentários em (2) a (6), que reagem à manchete na postagem original em (1), ilustram as projeções metonímicas que conceptualizam a segurança do equipamento pela confiabilidade das universidades:

- 1) urna eletrônica e códigos-fonte são validados por universidades. A segurança das urnas eletrônicas foi atestada pela USP, UFPE e Unicamp;
- 2) ce! E essas universidades são validadas por quem? Dica: começa com pê e termina com tê! Mui confiável, tanto quanto uma nota de 3 reais!;
- 3) e quem atestou essas.UNIVERSIDADES? 😊⁸;
- 4) Mc donalds atestam qualidade dos seus hambúrgueres e atestam validade;
- 5) chega a ser hilário... É como colocar as raposas pra cuidar do galinheiro. Poupem-nos.;
- 6) pra tu ver o nível né, perai Marcola guenta ai, vou chamar o Fernandinho beira mar aqui pra ver se você não tá mentindo, okay pode liberar ele disse que é verdade então tá tudo certo!!!

⁶ Metonímia pode ser explicada (Lakoff; Johnson, 2002), *grosso modo*, como o processo (mental) em que um conceito – o veículo (por exemplo, "universidades") – permite acesso a outro conceito – o alvo (nesse caso, "urna eletrônica") – com o qual ela manteria algum tipo de relação (segurança do equipamento pela confiabilidade da instituição).

⁷ Os comentários, bem como as respectivas réplicas e trélicas, estão transcritos *ipsis verbis*, isto é, preservando-se exatamente a grafia e a estrutura dos textos tal como foram postados.

⁸ Embora reconheça a importância de emojis para a construção dos significados mobilizados, sobretudo, em plataformas de redes sociais, este trabalho não aprofunda a sua investigação nesse sentido, em virtude das restrições de tempo e de espaço que se impõem à respectiva análise.

Reconhece-se, por exemplo, que, nos comentários em (2) e (3), é justamente a força ilocutória⁹ (Austin, 1990) das indagações a respeito da abonação das universidades públicas (enquanto agentes capazes de atestar algo) – pontualmente, “E essas universidades são validadas por quem?” e “E quem atestou essas.UNIVERSIDADES?” – que levantam suspeitas sobre a segurança da urna eletrônica. Assumindo um caráter erotemático, as perguntas – em tom retórico – feitas pelos comentários não miram respostas concretas, senão apenas pretendem relativizar ou estimular hesitações com relação à confiabilidade das instituições. Outro ponto para o qual poderia se chamar a atenção, na esteira desse raciocínio, são as analogias perpetradas em (4) a (6), que recrutam projeções metafóricas¹⁰ para conceptualizar o crédito das universidades.

Nesses mapeamentos, as universidades são enquadradas em termos ora de um estabelecimento comercial (McDonald's), ora de um animal (raposa), ora de um criminoso narcotraficante (Fernandinho Beira-Mar). A urna eletrônica, por sua vez, é enquadrada em termos do produto daquele restaurante (hambúrguer), da eventual presa daquele animal (galinha) e, por fim, de outro criminoso (Marcola). De maneira semelhante às indagações em (2) e (3), as analogias em (4) a (6) colocam em xeque a segurança da urna eletrônica através de suspeições sobre as instituições que validam o dispositivo, visto que, analogicamente, não seria razoável um restaurante atestar a qualidade do próprio produto; ou um predador pastorear a própria presa; ou, ainda, um criminoso assegurar a inocência de outro bandido.

É importante, contudo, se fazer uma ressalva quanto à coerência conceptual de uma dessas analogias: enquanto o restaurante descrito em (4) – o McDonald's – seria responsável pela produção do seu hambúrguer, nenhuma universidade está envolvida na fabricação ou na preparação da urna eletrônica. A incoerência dessa analogia é, inclusive, alvo de contestação nas réplicas em (7) a (10), a seguir (que respondem o comentário (4), acima):

- 7) o McDonalds fez o hambúrguer as universidades não fizeram a urna;
- 8) mas qual a lógica da comparação? Não entendi;
- 9) olha o nível da comparação kkkkkkkkkkkk;
- 10) ele compara duas coisas incomparáveis, porque as universidades não têm nada a ver com a fabricação e segurança das urnas.

⁹ Força ilocutória equivale ao conteúdo acional do enunciado que, em função do contexto, imprime a intenção ou o propósito daquilo que é comunicado pelo enunciado, como, por exemplo, fazer um pedido ou uma promessa ou, ainda, uma ironia.

¹⁰ Enquanto mecanismo de conceptualização, metáfora (Lakoff, 1993) pode ser explicada, como o processo (mental) pelo qual um determinado conceito – o alvo (por exemplo, "universidade") – é compreendido em termos de outro conceito – a fonte (nesse caso, "raposa") – sem que haja, formal e aprioristicamente, quaisquer relações semânticas entre eles.

De todo modo, não se pode desconsiderar que, mesmo que incorra em algum equívoco, a analogia se presta, em última análise, a qualificar a segurança da urna eletrônica por meio de questionamentos sobre a confiabilidade das universidades que atestam essa segurança. Com efeito, o recurso discursivo da analogia em (4) a (6) estaria reprovando, principalmente, uma suposta falta de imparcialidade – ainda que hipotética – no fato de a instituição que mantém quaisquer entidades sob a sua custódia ser o mesmo agente que deveria garantir e convencer da sua qualidade.

Em tempo, deve-se comentar que a insinuação de alguma falta de imparcialidade das universidades quanto à validação da urna eletrônica alcança tons menos sutis em respostas que, em vez de questionar a confiabilidade das instituições ou apelar para analogias, de fato assumem um posicionamento mais assertivo sobre elas. Os comentários em (11) a (13), a seguir – que respondem os questionamentos “quem atestou essas universidades?” e “essas universidades são validadas por quem?”, nos comentários em (2) e (3), respectivamente – evidenciam formalmente esse posicionamento:

- 11) fica tranquilo amigo eles são imparciais kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk;
- 12) eles mesmos;
- 13) não é uma crítica a quem ocupou ideologicamente a educação, mas justamente a falta de imparcialidade, que nos causa espanto.

Para além da eventual falta de imparcialidade, outra atribuição que, de acordo com determinados textos do *corpus*, poderia qualificar a confiabilidade das universidades residiria no alegado alinhamento das instituições com valores políticos e ideológicos posicionados mais à esquerda do espectro político brasileiro. Isso é reiterado, ainda, com a insistência em um eventual conluio das universidades com partidos políticos de esquerda ou centro-esquerda, ou, até mesmo, com países de regime socialista ou comunista, tais como China, Rússia, Nicarágua e Venezuela. Há exemplos de atribuições dessa natureza nos comentários em (14) a (18), a seguir (que também reagem às perguntas em (2) e (3)):

- 14) a esquerda, financiada pela China e Rússia;
- 15) e essas universidades são validadas por quem? Dica: começa com pê e termina com tê!
Mui confiável, tanto quanto uma nota de 3 reais!;
- 16) o partido das trevas. PT;
- 17) não sei o que é pior está avaliação/ validação pelas universidades de esquerda ou a comissão contratada que tem venezuelanos em sua equipe;

18) faculdades de doutrinação esquerdista e militante socialista validando algo que tá sendo usado por um sistema aparelhado pela esquerda? É piada né!!

Nesses comentários, podem se identificar, também, artifícios retóricos avaliativos – geralmente, negativos – que miram a confiabilidade das universidades e acabam respingando, através do mesmo tipo de projeção, na segurança da urna eletrônica. Nesse sentido, são associações das instituições com, por um lado, um “partido das *trevas*” ou que é tão confiável “quanto uma nota de 3 reais” ou, por outro, valores e países com governos “de esquerda” que colocam em xeque a idoneidade das universidades para testarem o equipamento e, dessa forma, o resultado desses testes.

Em outros comentários, a confiabilidade (e, em alguma medida, a sobriedade) das universidades para atestar a segurança da urna eletrônica é questionada, ainda por meio de movimentos metonímicos, em virtude de costumes e comportamentos atribuídos às pessoas que frequentam e integram esses espaços. É possível supor, nesse caso, que os enunciados em (19) a (23), por exemplo – segundo os quais o consumo de substâncias psicoativas seria habitual nas instituições –, apelariam a essa hipótese para contestar, com expressões depreciativas como “zé droguinha”, a integridade moral ou, até mesmo, cognitiva das universidades enquanto agentes responsáveis pela validação da segurança da urna eletrônica. Interessa dizer que, enquanto os enunciados em (19) a (21) completam um debate sobre a alegada associação de universidade com valores e países “de esquerda”, as réplicas em (22) e (23) respondem “quem atestou essas universidades?”, em (2):

19) **comentário** - toda universidade é feita por uma maioria de esquerdistas;

réplica - a inteligência de vocês é muito limitada pra entender contextos. Colocar tudo numa caixa de “esquerdista” é muito mais fácil de compartilhar no grupo do whats né?;

tréplica - Verdade sei não, quem sabe é vocês [estudantes universitários] na roda de bate papo lá na Cracolândia, vários papos 😊;

20) **Comentário** - a maconha;

réplica - Cheirinho de quem nunca pisou em uma universidade pública;

tréplica - Pisei quando era universidade, não como é agora pra se formar os “Zé droguinha;”

21) **comentário**-Universidades esquerdistas;*

Réplica - só Zé maconha lá [nas universidades];

22) a maconha;

23) Bob Marley e Snoop Dog¹¹.

Quanto à parcela do *corpus* deste estudo que se posiciona em defesa da segurança da urna eletrônica ou que rejeita qualquer tese de fraude no equipamento, identificam-se comentários que argumentam contra as alegações de falta de imparcialidade ou de legitimidade das instituições responsáveis pela sua validação. As réplicas e trélicas reproduzidas em (24) a (27), a seguir, são exemplos de enunciados que, diante da alegação de que as universidades públicas seriam “esquerdistas”, se posicionam em favor da capacidade dessas instituições enquanto atores responsáveis por abonar a segurança da urna eletrônica:

24) e as “universidades esquerdistas” estão na lista das melhores do mundo, meu caro. Pelo visto macon... e balbúrdia nos deixa mais inteligente, não é mesmo? P.s estudou numa uniesquina?;

25) a UFPE , UNicamp e Usp , são reconhecidas no mundo inteiro, pesquisadores americanos , europeus vêm estudar com os pesquisadores das áreas de engenharia da computação dela quem atestou a segurança do código fonte das urnas são Pós Doutores reconhecidos mundo a fora por suas competência acadêmicas e profissionais e não um político de meia tigela que mal tem o ensino médio completo então não fale do que não sabe;

26) até a ABIN validou as urnas. Deixe de gadice, eheh. As universidades são as melhores do país e têm todas as credibilidades;

27) só um analfabeto funcional como você e que questiona a grandeza das três universidades, até 2018 ninguém questionava qualidade e segurança das urnas , bastou o ex capitão relinchar pra manada dele ir atrás sem ao menos se informar. Ambas instituições estão entre às 100 melhores do mundo e são públicas o que só aumenta o prestígio delas , eu prefiro ficar com as vozes dos pesquisadores.

Nos comentários acima, também são recrutados mapeamentos metonímicos que, além de enquadrarem a segurança da urna eletrônica em termos da confiabilidade das universidades, conceptualizam a eficiência dessas instituições em termos da atuação das pessoas que frequentam e integram aqueles espaços. Isso fica evidente na ocorrência de segmentos com avaliatividade positiva, tais como “nos deixa mais inteligentes”, “na lista das melhores [universidades] do mundo”, “Pós Doutores reconhecidos mundo a fora”, “prefiro ficar com as vozes dos pesquisadores” e “[as universidades] têm todas as credibilidades” –

¹¹ Esses são artistas conhecidos por fazerem apologia e promoverem o consumo, principalmente, de maconha (Ernani, 2021).

afirmações que se colocam em posição contrária a epítetos negativos, tais como “Zé droguinha” e “Zé maconha”.

Ainda no âmbito dos comentários que contestam a possibilidade de fraude na urna, a segurança do equipamento estaria amparada em questionamentos a respeito da “capacidade intelectual” daqueles que levantam quaisquer hipóteses nesse sentido. Postagens que apelam para esse argumento contrapõem, de um lado, a suposta “inteligência [...] limitada” dos detratores da urna eletrônica e, de outro, a qualidade do ensino e da pesquisa nas universidades públicas que se dispõem a atestar a segurança do dispositivo. Exemplos dessas contestações estão presentes nos comentários em (28) a (32), a seguir:

28) **comentário** - Universidades esquerdistas;*

réplica - olha o cara que não tem capacidade intelectual de entrar em uma [universidade pública] kkkkk;

29) **comentário** - Universidades esquerdistas;*

réplica - a inteligência de vocês é muito limitada pra entender contextos. Colocar tudo numa caixa de “esquerdista” é muito mais fácil de compartilhar no grupo do whats né? Vocês nem fazem ideia do que é esquerda e direita, muito menos de política internacional. E essa ignorância tá destruindo o Brasil;

30) **comentário** - e vão invalidar [a urna] como, gênio? Vão mandar um vírus numa foto pra urna? Kkkkk queria saber como é não ter vergonha de passar vergonha

réplica - ham? Oque você ta dizendo moça? Você sabe o que e validar e invalidar um codigo fonte? Falha de execução em codigo fonte? Você ao menos sabe o que é codigo fonte de um software?;

31) **comentário** - Universidades esquerdistas;*

réplica : entre a ciencia e a opiniao do zap do vizinho, e nesse nivel de argumentação sem dados... dificil?;

32) **comentário** - Çei! E essas universidades são validadas por quem?

réplica - Validada mesmo é [usuário¹²]! Grande [usuário]! Me lembro de, na escola, estudar pra ter o selo “[usário]” de validade... quando eu era uma criança prodígio, inclusive, me chamavam de “novo [usuário]”, tamanho o meu vastíssimo conhecimento do mundo! Quem é Unicamp, USP e UFPE - comunistas! - perto dessa grande sábia da nossa contemporaneidade?

¹² Em respeito à Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD) (Brasil, 2018), menções formais a nomes de usuários – ou a outras informações que pudessem os identificar – foram anonimizadas.

Para além de mapeamentos metonímicos, uma parte do debate a respeito da (falta de) segurança da urna eletrônica se concentra em características relativas ao próprio dispositivo – especificamente, à sua arquitetura interna. Ao longo da troca de comentários, é possível acompanhar a elaboração de um encadeamento ancorado em considerações antitéticas sobre a possibilidade de se “alterar” o código presente nas bases do funcionamento da máquina. Em tempo, algumas das considerações feitas nessas interlocuções – como, por exemplo, os comentários reproduzidos em (33) a (37), a seguir – resgatam, em alguma medida, um apelo à alegada “(in)capacidade intelectual” dos perfis que atacam a confiabilidade das universidades públicas ou, colateralmente, a segurança da urna eletrônica:

- 33) o problema não está no código fonte, mas no manuseio, a chave é única pra todas as urnas, basta apenas uma pessoa de má fé;
- 34) tudo mas tudo que tem a mão do ser humano pode ser fraudado, roubado e corrompido! Não existe 100% em nada;
- 35) ham? O que você tá dizendo moça? Você sabe o que é validar e invalidar um código fonte? Falha de execução em código fonte? Você ao menos sabe o que é código fonte de um software?;
- 36) não se pode provar pq não adianta auditar uma coisa que pode ser modificada em segundos. O único meio de prova seria uma evidência física do voto;
- 37) amigo, muito legal seu ponto de vista porém no caso da urna eletrônica essa ‘desconfiança’ já foi submetida a todas as tentativas e ninguém conseguiu provar que existe chance de fraude... então nesse caso a desconfiança só serve mesmo pra gerar polêmica e tentar descredibilizar o processo.

É importante comentar, em tempo, que a disputa discursiva que orbita a urna eletrônica e, mais pontualmente, o código que viabiliza o seu funcionamento – e que poderia ser traduzida no contraste da “urna alterável *versus* urna validada” – abre brechas para uma temática adjacente à segurança do equipamento, qual seja a da necessidade de impressão do voto em papel. Um parêntese que pode ser feito aqui, portanto, é a de que essa disputa discursiva acaba situando o tema da segurança da urna eletrônica em outro cenário antitético mais amplo, discutido em outra ocasião (Dienstbach; Cordeiro, 2022), que abarca o sistema eleitoral brasileiro como um todo e que estaria representado pela oposição genérica entre “digital *versus* analógico”. Entretanto, diferentemente do que sugerem Dienstbach e Cordeiro (2022), a antítese conceptual evocada no *corpus* deste estudo se atualiza, em vez de em um único enunciado, no curso das interações.

5 Considerações finais

Resultados alcançados pela análise conduzida aqui sugerem que uma parte das avaliações da (falta de) segurança da urna eletrônica brasileira estaria baseada, também, em opiniões sobre as instituições responsáveis pela sua validação, o que se relaciona à temática do próprio post selecionado neste estudo. Nesse contexto, traços atribuídos a essas instituições de ensino – sobretudo, um alegado alinhamento com valores e partidos de esquerda, bem como com países geridos por regimes socialistas ou comunistas – serviriam de pretexto para questionar ou rejeitar a confiabilidade das urnas eletrônicas. Outros aspectos evocados nos textos do *corpus* fazem alusão, ainda – também de maneira indireta – a supostos comportamentos de membros das universidades como meio de esvaziar a integridade dessas instituições e daqueles equipamentos.

É válido salientar, a partir disso, que os significados atribuídos, no interior das interações que ocorrem no Facebook, à (segurança da) urna eletrônica evocam vozes que, tanto social quanto culturalmente, buscam fomentar a descredibilização não apenas das universidades, mas também do processo e de comunidades científicas de maneira geral. Isso acontece a partir de elementos linguísticos como “Marcola” e “Fernandinho beira mar”, que ativam um cenário de criminalidade por meio, sobretudo, de como o senso comum reconhece esses atores. Fica evidente, em última análise, que o fio condutor de significados que resulta dessa associação estaria ancorado em posicionamentos ideológicos de cunho moral.

Na seara desse raciocínio, pode-se tentar especular alguma explicação para o fato de os comentários no *corpus* que são alvo de maior engajamento no debate serem, justamente, enunciados que mobilizam modelos cognitivos universais na cultura brasileira. A remissão a raposas e galinhas, que evocam uma fábula específica; à nota de três reais, que circula como meme em mídias sociais há alguns anos; ou ao personagem de Fernandinho Beira-Mar aponta para signos bastante entranhados no nosso acervo cultural. Essa remissão pode configurar, portanto, artefatos sociodiscursivos prontamente reconhecidos e, em alguma medida, interpretados de forma supostamente inequívoca por muitos de nós

Outros componentes linguísticos que contribuiriam para essa deslegitimação incluiriam o termo “cracolândia” – um território dentro da cidade de São Paulo que acomoda, majoritariamente, pessoas em situação de rua, dependentes químicos e traficantes; os epítetos “Zé maconha” e “Zé droguinha”; e referências aos artistas “Bob Marley” e “Snoop Dogg”, o que, mais uma vez, institui uma perspectiva sobre a universidade como sendo espaço que autoriza

e exalta o consumo de substâncias psicoativas, vinculando a instituição a um imaginário de criminalidade.

De todo modo, insiste-se no fato de que os significados construídos em torno da (falta de) segurança da urna eletrônica decorrem antes ao longo dos processos dialógicos desencadeados entre comentários, as suas réplicas e tréplicas, do que no interior de um único enunciado. Tanto a desqualificação do equipamento, quanto objeções à tese de fraude nas urnas, com questionamentos ao elã intelectual dos autores das acusações, acontecem no encadeamento textual-discursivo entre os enunciados, revelando, desse modo, a presença de vozes diversas no processo de enquadramento conceptual da urna eletrônica.

Referências

AGGIO, Camilo. Teorias conspiratórias, verdade e democracia. *In*: ALZAMORA, Geane; MENDES, Conrado; RIBEIRO, Daniel (org.). **Sociedade da desinformação e infodemia**. Belo Horizonte: PPGCOM/UFMG, 2021. p. 63-86.

ALBUQUERQUE, Karoline. Urna eletrônica e códigos-fonte são validados por universidades. **TecMundo**, Curitiba, 30 ago. 2022a.

ALBUQUERQUE, Karoline. [Mais lidas da semana] Urna eletrônica e códigos-fonte são validados por universidades. **TecMundo**, Curitiba, 11 set. 2022b. Facebook: @TecMundo.

AVRITZER, Leonardo. **Política e antipolítica**: a crise do governo Bolsonaro. São Paulo: Todavia, 2020.

AUSTIN, John. **Quando dizer é fazer**: palavras e ação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BAEZA-YATES, Ricardo; RIBEIRO-NETO, Berthier. **Recuperação de informação**: conceitos e tecnologia das máquinas de busca. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2013.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BARROS, Samuel; CARREIRO, Rodrigo. A discussão pública e as redes sociais online: o comentário de notícias no Facebook. **Fronteiras**, São Leopoldo, v. 17, n. 2, p. 174-185, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.4013/fem.2015.172.05>. Acesso em: 28 dez. 2023.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Projeto de Emenda à Constituição n. 135, de 13 de setembro de 2019**. Acrescenta o § 12 ao art. 14, da Constituição Federal, [...]. Brasília: Câmara dos Deputados, 2019.

BRASIL. Lei n. 13.709, de 14 de agosto de 2018. Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD). **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, ano 155, n. 157, p. 59, 15 ago. 2018.

BROTAS, Antonio; COSTA, Marcia; MASSARANI, Luisa. Enquadramentos e desinformação sobre vacina contra covid-19 no YouTube: embaralhamentos entre ciência e negacionismo. **Mídia e Cotidiano**, Niterói, v. 15, n. 3, p. 73-100, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/rmc.v15i3.50954>. Acesso em: 28 dez. 2023.

CARREIRO, Rodrigo *et al.* As tretas políticas no Brasil e a repercussão em rede: proposta metodológica para captura e análise de discussão política online. **Comunicação & Inovação**, São Caetano do Sul, v. 21, n. 46, p. 64-87, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.13037/ci.vol21n46.6362>. Acesso em: 28 dez. 2023.

CARREIRO, Rodrigo; GOMES, Wilson. Discussão política on-line no Brasil: ocorrência e manutenção da discordância política no Facebook. *In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM COMUNICAÇÃO E POLÍTICA*, 7., 2017, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017. p. 1-24.

CHAGAS, Viktor. “Não tenho nada a ver com isso”: cultura política, humor e intertextualidade nos memes das Eleições 2014. *In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO*, 25., 2016, Goiânia. **Anais [...]**. Belo Horizonte: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2016.

DIENSTBACH, Dalby; CORDEIRO, Maria Sirleidy. A segurança da urna eletrônica em jogo: disputas cognitivo-discursivas em redes sociais. *In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS*, 46., 2022, Campinas. **Resumos [...]**. Campinas: Unicamp, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2022.

DOURADO, Tatiana. **Fake news na eleição presidencial de 2018 no Brasil**. 2020. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) - Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.

ERNANI, Felipe. “Precisei de um tempo”: Snoop Dogg e a única pessoa que fumou mais maconha que ele. **TMDQA!**, São Paulo, 7 jan. 2021.

EVANS, Vyvyan. **A glossary of cognitive linguistics**. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2007.

EVANS, Vyvyan; GREEN, Melanie. **Cognitive linguistics: introduction**. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2006.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola, 2009.

GOMES, Wilson; DOURADO, Tatiana. *Fake news*, um fenômeno de comunicação política entre jornalismo, política e democracia. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 33-45, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1984-6924.2019v16n2p33>. Acesso em: 28 dez. 2023.

LAKOFF, George. The contemporary theory of metaphor. *In: ORTONY, Andrew (ed.)*. **Metaphor and thought**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. p. 202-251.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

LANGACKER, Ronald. **Essentials of cognitive grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

MACHADO, Caio Vieira *et al.* **Ciência contaminada**: analisando o contágio de desinformação sobre coronavírus via Youtube. São Paulo: LAUT, 2020.

MARANHÃO FILHO, Eduardo; COELHO, Fernanda; DIAS, Tainah. *Fake news* acima de tudo, *fake news* acima de todos: Bolsonaro e o *kit gay*, ideologia de gênero e fim da família tradicional. **Correlatio**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 65-90, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.15603/1677-2644/correlatio.v17n2p65-90>. Acesso em: 28 dez. 2023.

MENDONÇA, Ricardo *et al.* *Fake news* e o repertório contemporâneo de ação política. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 66, n. 2, p. 1-33, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/dados.2023.66.2.301>. Acesso em: 28 dez. 2023.

META. Facebook. **CrowdTangle**. Menlo Park, 2023. Disponível em: <https://www.crowdtangle.com/>. Acesso em: 21 jun. 2023.

RECUERO, Raquel. #Fraudenasurnas: estratégias discursivas de desinformação no Twitter nas eleições de 2018. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 20, n. 3, p. 383-406, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-6398202014635>. Acesso em: 28 dez. 2023.

RUEDIGER, Marco *et al.* **Desinformação on-line e eleições no Brasil**: a circulação de links sobre desconfiança no sistema eleitoral brasileiro no Facebook e no YouTube (2014-2020). Rio de Janeiro: FGV DAPP, 2020.

SERELLE, Marcio; SOARES, Rosana de Lima. As novas formas do falso: entretenimento, desinformação e política nas redes digitais. **Intexto**, Porto Alegre, n. 52, p. 94842-94842, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.19132/1807-8583202152.94842>. Acesso em: 28 dez. 2023.

VAN ZONEN, Liesbet. I-Pistemology: changing truth claims in popular and political culture. **European Journal of Communication**, Thousand Oaks, v. 27, n. 1, p. 56-67, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0267323112438808>. Acesso em: 28 dez. 2023.

VOLOCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

WINTER, Yoad. **Flexibility principles in boolean semantics**: interpretation of coordination, plurality, and scope in natural language. Cambridge: The MIT Press, 2002.

Dialogic processes in disinformation: a discursive view on on-line debate about voter fraud in Brazil

Abstract

Within a context of electoral distrust, driven by disputes on social media platforms and messaging applications, this study aims to map the conceptual framings evoked in dialogic entries that emerge in debates on electoral fraud in Brazil. For this purpose, we created a search query related to the topic, which was executed in the social monitoring tool CrowdTangle (Meta, Inc.), in order to identify the link on ballot fraud with the highest engagement on Facebook during the 2022 election. We then selected the comments on the link, as well as their respective responses, with the highest engagements, which resulted in a *corpus* of 363 comments and responses. The analysis suggests that, in the interactions between comments on the platform, the security of the electronic ballot is placed in a partisan dispute between right and left wings, and also evokes meanings that negatively classify public universities as a place of disorder, contrary to socially instituted rules. We highlight, therefore, that the conceptual framing processes of the electronic ballot evokes diverse voices, not always related to the ballot itself, reflecting traces of morality and rejection of institutions.

Keywords

dialogism; disinformation; elections in Brazil; electoral fraud

Autoria para correspondência

Dalby Dienstbach
dalbydienstbach@gmail.com

Como citar

DIENSTBACH, Dalby; CORDEIRO, Maria Sirleidy; SABBATINI, Letícia. Dialogismos na desinformação: uma abordagem discursiva do debate on-line sobre fraude nas urnas no Brasil. **Intexto**, Porto Alegre, n. 56, e-137835, 2024. DOI: <https://doi.org/10.19132/1807-8583.56.137835>

Recebido: 03/01/2024

Aceito: 25/06/2024



Copyright (c) 2024 Dalby Dienstbach, Maria Sirleidy Cordeiro, Letícia Sabbatini. Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. Os Direitos Autorais dos artigos publicados neste periódico pertencem aos autores, e os direitos da primeira publicação são garantidos à revista. Por serem publicados em uma revista de acesso livre, os artigos são de uso gratuito, com atribuições próprias, em atividades educacionais e não-comerciais.